



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE -PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOÃO MANOEL BEZERRA

**A ARTICULAÇÃO ENTRE AS ESCALAS E A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO GEOGRÁFICO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

JOÃO MANOEL BEZERRA

**A ARTICULAÇÃO ENTRE AS ESCALAS E A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO GEOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Prof. Dra. Josandra Araújo Barreto
de Melo .

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574a Bezerra, João Manoel

A articulação entre as escalas e a construção do conhecimento geográfico [manuscrito] : / Joao Manoel Bezerra. - 2014.

50 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Josandra Araújo Barreto de Melo, Departamento de Geografia".

1. Livro didático. 2. Metodologias. 3. Escala Geográfica. I.
Titulo.

21. ed. CDD 910

JOÃO MANOEL BEZERRA

**A ARTICULAÇÃO ENTRE AS ESCALAS E A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO GEOGRÁFICO**

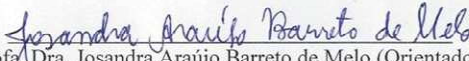
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
Geografia.

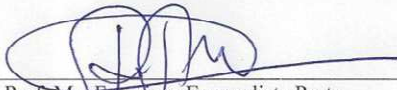
Área de concentração: Ensino de
Geografia

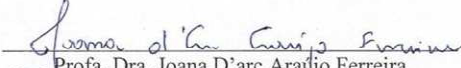
Aprovada em: 15/12/2014.

BANCA EXAMINADORA

90
(nove)


Prof.^a Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Francisco Evangelista Porto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dra. Joana D'arc Araújo Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a DEUS por Sua infinita bondade e amor para comigo. Pela vida, pela saúde, pela paz, inteligência e sabedoria que tem me proporcionado. A Ele toda honra e toda glória para sempre, amém.

AGRADECIMENTOS

Não tenho palavras para expressar a alegria de estar concluindo mais essa etapa de minha vida. Em primeiro lugar agradeço ao Deus Criador e Mantenedor de todas as coisas pela existência; a Jesus, meu Amigo e Salvador que me ama e protege todos os dias da minha vida, ao Espírito Santo, pela inteligência e sabedoria e pelos dons que tem me dado.

À minha amada mãe Isolda M^a S. Santos por ter acreditado em mim, por ter me estimulado e não ter me deixado desistir. Debaixo de chuva, na lama, no sol escaldante, na poeira, tudo enfrentei para orgulhar essa mulher maravilhosa, que para mim é a melhor mãe do mundo.

Aos meus irmãos Arimateia, Isabela, Bárbara, Renato e demais familiares, pelo carinho e pela força que me deram.

Aos amigos Luiz Fernando, Janduí Andrade, Izabela Rangel, Gilmar Galdino, Daiane Gomes, Rayane de Luna, Alisson Aires, Niedson Barreto, Roberto Lavoisier, Diego Tadeu, Allen Macedo, Fabrício Olegário e demais colegas de turma pelo carinho e amizade.

À minha estimada professora e orientadora Josandra Araújo Barreto de Melo pelo exemplo de uma profissional dedicada, apaixonada pelo que faz e acima de tudo comprometida com seus alunos. Agradeço pela paciência, dedicação, por ter acreditado em mim, pelas sugestões de leitura que fizeram desse trabalho o que ele é hoje, meu muito obrigado!

Aos professores Francisco Evangelista Porto e Joana D'arc Araújo Ferreira pela disposição de participarem da banca examinadora.

À todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização de mais um sonho em minha vida, meu muito obrigado!

“Elevar a autoestima do aluno significa fazê-lo sentir-se digno de ter direitos e possibilidades na vida.”

(Júlio César F. dos Santos).

RESUMO

O docente em sua prática educacional busca na multiplicidade dos recursos disponíveis suporte para suas aulas. Todavia, o livro didático, tantas vezes, é o seu maior suporte. Este se faz de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem, além disso, tal recurso está disponível a todo, ou quase todo, estudante. Por diversas vezes é o único recurso disponível na escola; porém na realidade que vivenciamos, com o mundo a cada dia mais globalizado e informatizado, com a inserção das tecnologias na educação, a utilização, apenas, do livro didático pode deixar a desejar no que concerne à construção de um ensino-aprendizado significativo. É a partir desta análise que objetivaremos compreender a importância da inclusão de novas metodologias, com base nos novos recursos que se apresentam na escola. Analisar-se-á, também, em especial, o livro didático do 8º ano, visto que este apresenta conteúdos que exigem um nível alto de abstração por parte do aluno fazendo-se indispensável, para o melhor entendimento do mesmo, a aproximação para o local, sendo assim, imprescindível o uso da escala geográfica.

Palavras chaves: Livro didático, Metodologias, Escala Geográfica.

ABSTRACT

The teacher, in his educational practice, searches for available resources to base their classes. However, the didactic book is, for many times, the teacher's bigger base. This aspect has extreme importance in the teaching-learning process, besides, such resource is available for all student, or almost for all. Many times, the didactic book is the only resource available at school, however, in our reality, and considering our globalized and computerized world, and being concious also with the insertion of technology into the plan of education, the usage of the book in isolation might not be enough in relation to the construction of a meaningful teaching-learning process. From this analysis raises our objective that is to comprehend the importance of the inclusion of new methodologies, based on the new resources present at school. We shall analyze, also, the didactic book of the 8th grade, due to the fact that this presents some contents that require a high level of abstraction from the student turning it essential to the better understanding of the same, the approximation to the local, being this way indispensable the use of geographic scale.

Key words: Didactic book, Methodologies, Geographic scale.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização do município de Fagundes - PB	31
Figura 2 – Turma do 8º ano “A” na Mostra Pedagógica 2014.....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma para os Seminários da turma do 8º ano “A” (3º Bimestre/2014). 39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FFCL/USP Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

IBGE Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística

FAE Fundação de Assistência ao Estudante

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	O Ensino de Geografia	14
2.2	A Evolução da disciplina de Geografia	16
2.3	O Ensino de Geografia no Brasil	18
2.4	O Livro didático e o Ensino de Geografia	21
2.5	O problema da Escala no Ensino de Geografia	23
2.6	As diferentes escalas: geográfica e cartográfica	25
2.7	Importância do estudo da escala local para o Ensino de Geografia	27
2.8	A escala geográfica no nível fundamental: algumas considerações	28
3.	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	31
3.1	O município de Fagundes – PB: algumas considerações	31
3.2	O Ensino de Geografia em Fagundes – PB	32
3.2.1	A escola campo de pesquisa	32
3.2.		33
3.2.3	A Turma do 8º “A” 2014	35
3.2.4	O tipo de pesquisa e as estratégias desenvolvidas	36
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
4.1	Trabalhando com o conteúdo “O Continente Africano”: algumas aplicações metodológicas	37
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE 1 – Levantamento de dados da escola objeto de estudo	48
	APÊNDICE 2 – Questionário para levantamento de dados sobre o Ensino de Geografia	49

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte dos resultados alcançados na experiência docente do autor na ministração das aulas de Geografia na turma do 8º ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nila Ferreira da Silva, no município de Fagundes – PB, no segundo semestre de 2014.

A intervenção com a utilização de recursos tecnológicos, como alternativa metodológica a ser trabalhada nas aulas de Geografia, se faz necessário a partir do momento em que se compreende que um dos motivos geradores do desinteresse dos alunos é a ausência de uma maneira de se abordar os conteúdos de forma a aguçar a curiosidade e a criatividade, fazendo com que o aluno seja capaz de buscar novas informações independentemente.

A partir da perspectiva acima evidenciada, focou-se o presente trabalho, objetivando dinamizar a construção/reconstrução de conhecimentos significativos, proporcionando ao aluno uma formação política, crítica e social plena, tornando-o um cidadão atuante. Para uma maior compreensão da temática apresentada, foi feita uma “retrospectiva” acerca da história da Geografia como disciplina escolar para, em seguida, analisar de forma crítica-reflexiva o que foi vivenciado na experiência de sala de aula, na turma do 8º Ano “A”. Propondo-se sugestões metodológicas para a inserção nas aulas de Geografia, além de evidenciar a questão da utilização da Escala Geográfica e a aplicação da mesma para a aproximação dos conteúdos referentes aos continentes (Escala mundial), trazendo-os a realidade do estudante (Escala local).

Foi tomado como base alguns referenciais teóricos ligados à área do Ensino de Geografia, ao livro didático, a escala geográfica e ao uso de metodologias na sala de aula; bem como Artigos acadêmicos pertinentes ao estudo, para que pudesse haver uma melhor compreensão do objeto de estudo, no caso, o Ensino de Geografia.

O acesso adequado às novas tecnologias é restrito nas escolas. Esses recursos tecnológicos visam atender às necessidades de professores e alunos quando se trata de envolvê-los no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, os objetivos visados pela escola, tais como o desenvolvimento pleno do aluno em todos os aspectos, formando cidadãos formais e politicamente independentes, não estão sendo alcançados em virtude da desmotivação do aluno para aprender. Isto implica diretamente no Ensino de Geografia que, por sua tradição à memorização, de certo modo, não desperta o interesse dos alunos. Neste sentido, a pesquisa e a inserção de recursos às aulas de Geografia

aliada à dinamização das mesmas a partir da descoberta, ou seja, do esforço próprio do aluno em descobrir por si mesmo conceitos geográficos básicos propostos no 8º ano do Ensino Fundamental como suporte para o desenvolvimento de uma compreensão concreta da realidade.

Visto a necessidade de entender o desinteresse e a falta de estímulo dos discentes em relação às aulas de Geografia, assim como analisar a abstração dos conteúdos do livro didático do 8º ano e a possível alienação dos alunos em relação ao mesmo é que foi lançada a presente proposta, que pode ser considerada relevante pelo seu caráter investigativo, que buscará contribuir para esclarecer algumas questões referentes à forma de o professor trabalhar nos anos finais do Ensino Fundamental, no caso o 8º ano.

O trabalho apresentado também se faz importante para o meio acadêmico por constituir numa temática relativamente nova, pouco debatida por quem faz licenciatura em Geografia. Além disso, o estudo é bastante abrangente, o que levará a uma reflexão, por parte do leitor, acerca de sua prática pedagógica e da postura de cada professor como mediador e ponte para o conhecimento dos seus alunos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O ensino de Geografia

O mundo globalizado/mundializado em que se vive hoje tem trazido novos desafios para a escola e para o ensino desenvolvido no seu interior, particularmente, o de Geografia, disciplina que pode, e deve contribuir de forma relevante no processo educativo, pois se sabe que ela, juntamente com as demais disciplinas que compõem a grade curricular nas escolas (História, Matemática, Português, Ciências, etc.), deve objetivar contribuir com a formação de alunos cidadãos.

Sobre a perspectiva acima exposta Rafael Straforini afirma:

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente (STRAFORINI, 2008, p. 51).

Com isso, percebe-se que o Ensino de Geografia, em especial por trabalhar com o espaço geográfico, e este por sua vez, é entendido como “um produto histórico, como conjunto de objetos e de ações que revela as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem

num determinado lugar, interagem [...] e o (re) constroem”(CASTROGIOVANNI, 2000, p. 07), tem a grande responsabilidade de possibilitar, aos alunos, instrumentos para realizar a “leitura” da realidade onde vivem e, assim, tornarem-se agentes de transformação, sujeitos sociais capazes de compreender e incomodar-se com o presente e pensar o futuro com criticidade e autonomia.

É indispensável buscar no referencial teórico as bases da ciência que se quer ministrar, bem como esclarecer o seu objeto. Assumindo tal postura, ficará mais fácil ter clareza teórico-metodológica para conseguir subsídios para construir uma prática pedagógica com importância para o discente.

Sendo assim, o estudo de referenciais teóricos sobre o ensino de Geografia, torna-se imprescindível para se ter uma visão mais ampla da situação atual em que se encontra a disciplina em sala de aula, e discutir sua prática de ensino, baseada num processo de ensino-aprendizagem que leve em conta o educando como sujeito atuante no meio social em que está inserido, participante desse processo, porém infelizmente nem todos assumem esta postura, como evidencia Braga (2001):

[...] a carência de uma formação consistente para a docência da disciplina faz com que muitos professores das séries iniciais desenvolvam um ensino com significado bastante restrito, onde os métodos são trabalhados de forma mecânica, técnica, isoladas dos contextos sociais dos alunos (ibidem, p. 15).

Diante do exposto, pode-se dizer que a indiferença, que muitas vezes, é dada a disciplina de Geografia, tão essencial para a formação do cidadão, como foi dito anteriormente, se dá ao fato de, por vezes, ela apresentar-se como a mera descrição da paisagem, como muitos docentes faziam/fazem; assim, o sujeito cria uma visão limitada a respeito da mesma, contudo, isso pode ser reflexo da influência do ensino geográfico a que o sujeito foi/é submetido no Ensino Fundamental (no presente caso no 8º ano), remetendo aos paradigmas e diferenças de cada período da sociedade.

Acerca de tais constatações, diz Kropotkinapud Andrade (1987, p. 61) “o ensino da geografia por ser muito teórico e rico em nomenclatura, não despertava o interesse dos estudantes”, sendo assim, fica evidente a necessidade de fazer com que o interesse dos alunos seja despertado e, só assim, o aluno poderá ampliar sua visão em relação à Geografia.

A Geografia, durante sua trajetória, passou/passa por diversas transformações e fragmentações, o que quase a descaracterizou. Um dos reflexos dessa fragmentação foi a divisão em Geografia Física e Geografia Humana, sendo que dessa divisão surgiram mais

subdivisões, tornando-se mais específicas, como na primeira, a Geomorfologia, Climatologia, Hidrografia, Fitogeografia, Zoogeografia; enquanto na geografia humana as especializações se desenvolveram como a Geografia da População, Agrária, Indústria, Política, Economia, Social, etc., estas subdivisões empobreceram a epistemologia e metodologia desta ciência, sendo considerado um fator negativo, colocando em risco a existência da Geografia como ciência (ANDRADE, 1987, p. 16).

2.2. A evolução da disciplina de Geografia

O Mundo tem mudado rapidamente e com ele devem mudar também a escola e o ensino que nela se faz (CALLAI, 2001, p. 134). Na perspectiva apontada pela autora, é profícuo o entendimento da evolução histórica da ciência geográfica, e fazer-se um elo desse conhecimento com o Ensino.

Ao longo da história, a humanidade passou/passa por mudanças profundas que refletiram na formação do pensamento geográfico, visto que a Geografia, por ser uma ciência essencialmente social, deve responder aos anseios e às novas realidades que surgem a passos largos na sociedade atual.

A Geografia se tornou uma ciência independente a partir do século XIX, com os trabalhos desenvolvidos pelos geógrafos alemães Alexandre Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859). Porém, desde os primórdios da humanidade, já existia um conhecimento geográfico e, com o desenvolver das civilizações e a ampliação da capacidade do ser humano dominar e modificar o meio natural, para que pudesse usufruir de forma plena de seus recursos disponíveis, é que o conhecimento geográfico torna-se cada vez mais importante.

No início, a Geografia demorou a ser aceita pelos meios acadêmicos. No ensino secundário, sua atenção era voltada apenas para os aspectos informativos existentes na natureza, como explica Manoel Correa de Andrade:

A sua preocupação principal, sobretudo no ensino secundário, continuou a ser a de informar a respeito das várias áreas do globo terrestre, catalogando nomes de montanhas, de rios, de mares, de cidades, de países e de recursos produzidos. Era assim, um ramo do conhecimento meramente informativo, que não estimulava a reflexão mais profunda. (ANDRADE, 1987, p. 13).

Com isso, nota-se que a visão que muitos têm da Geografia escolar como sendo algo inútil, descritivo e de memorização vem sendo cultivado desde muito tempo. É relevante o

reflexo que o sujeito carrega do ensino escolar, quando se ouve observações a respeito da Geografia dizendo que é uma ciência que se dedica apenas aos estudos de mapas, rochas, relevo, clima, enfim a descrição da paisagem. O objetivo, que tanto se almeja na atualidade, de torná-la uma disciplina que possa trazer ao educando reflexões e uma visão crítica da sociedade em que vive fica a parte, se levar em conta apenas o lado meramente informativo da disciplina. Qual é o seu real objetivo? Nidia Nacib Pontuschka menciona:

A Geografia como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. (PONTUSCHKA, 2009, p. 38).

Dessa maneira, poderá se dizer que a disciplina deve ir além da mera informação/memorização/descrição, mas deve e precisa contribuir para a construção de alunos, e por que não professores críticos e atuantes na realidade social apresentada pelo mundo. Este, cada vez mais globalizado, e que exige que se seja ativo, não apenas mais uma peça no tabuleiro do sistema. Acerca do exposto, José Willian Vesentinni reforça:

Mas que tipo de geografia é apropriado para o século XXI? É lógico que não aquele tradicional baseado no modelo “A Terra e o Homem”, onde se memorizavam informações sobrepostas [...] E também nos parece lógico que não é aquele outro modelo que procura “conscientizar” ou doutrinar os alunos, na perspectiva de que haveria um esquema já pronto de sociedade futura [...] O ensino de geografia no século XXI, portanto deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve enfocar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza [...] E deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens (VESENTINNI, 1995, p. 15-16).

Verifica-se que o ensino de Geografia no decorrer dos séculos sofreu/sofre uma espécie de “metamorfose” e, no contexto atual, apresenta-se como indispensável para a formação dos sujeitos sociais, frente ao mundo cada vez mais globalizado; todavia, na escola, o professor necessita permitir o aluno descobrir a “beleza da Geografia”, fazer com que veja, pela forma como se é apresentada a Geografia em sala de aula, que Geografia não é “inútil” e “enfadonha”, sem serventia para ser aplicada no dia a dia ou ainda sem nexos com a realidade, mas uma disciplina capaz de formar sujeitos críticos, capazes de compreender e analisar os fatos presenciados a cada dia em Jornais (escrito/falado), internet, revistas, etc., seja em escala local, nacional e global. Utópico? Talvez. Cabe, porém, a cada um de nós, professores da área, buscar realizar essa “proeza” não muito fácil, para não ser pessimista, contudo, uma tarefa instigante.

2.3. O Ensino de Geografia no Brasil

A Geografia como ciência escolar teve início ainda no século XIX. No Brasil, foi implantada como disciplina escolar obrigatória no ano de 1837. Sua primeira finalidade era atender a uma camada da elite, a qual queria se inserir nos cargos políticos e em áreas afins. Mais de sessenta anos depois de sua implantação, a ciência já havia se consolidado nas escolas de praticamente todo o território brasileiro. A partir de sua inserção na escola, ela passa a ter uma função: mostrar através de descrições, mapas com contornos do país e da observação direta do meio circundante o próprio Estado-Nação, valorizando-o e criando laços de respeito e dedicação à imagem da pátria, para que, se fosse preciso, se lutasse/guerreasse por ela. Assim, a Geografia oficializou-se nas escolas com o objetivo de formar o futuro patriota/soldado.

Sobre o exposto acima, Carvalho (1998) vem chamar a atenção sobre o caráter que a Geografia adquiriu com a formação dos Estados nacionais e a expansão em larga escala do capitalismo industrial na Europa; nesse contexto, a Geografia aparece como uma importante disciplina a se considerar na escola. O mencionado autor afirma:

Qual além dela (Geografia) deteria melhor escopo teórico-metodológico para cientificamente auxiliar na criação e no fortalecimento do sentimento nacionalista, tão necessário para a consolidação dos Estados nacionais? (E mais): a ideia de país deveria vir a fazer parte do imaginário coletivo, e nesse sentido a escola e a Geografia foram muito eficientes. É a geografia que vai veicular conceitos importantes como a de país, apresentando basicamente no seu aspecto territorial e como se tudo fosse eterno. (CARVALHO, 1998, p. 29)

Como visto, a Geografia funcionou como “peça-chave” na máquina do Governo para divulgar os ideais e valores patrióticos. Infelizmente, tal papel que foi dado a essa disciplina acabou por deixar marcas profundas em seu caráter como ciência da sociedade e da natureza, o que pode ser presenciado até hoje nos livros didáticos da disciplina.

No Brasil, a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), em 1934, e do Departamento de Geografia, em 1946, teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no País e na formação de licenciados para o ensino da disciplina. Antes, não existia no Brasil o bacharel e o professor licenciado em Geografia. Existiam pessoas que, egressas de diferentes faculdades ou até mesmo das escolas normais, lecionavam essa disciplina, assim como outras. Eram professores de

Geografia, principalmente, advogados, engenheiros, médicos e seminaristas. (PONTUSCHKA, 2009, p. 05).

Os livros didáticos que até então eram produzidos e utilizados no País eram de baixa qualidade, em sua maioria, eram produzidos por professores do Ensino Secundário, e foram estes autores de livros didáticos, bons ou ruins, que popularizaram o Ensino de Geografia durante o século XIX e início do século XX.

Em 1817, foi lançado o primeiro livro de Geografia do Brasil: "Corografia Brasílica" do padre Manoel Aires de Casal. Uma Geografia de nomenclaturas e descrições "secas", uma Geografia com muitos problemas metodológicos e epistemológicos, todavia, era a primeira vez que se abordava o Brasil como um todo.

Foi somente no século XX que o professor, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, formado na França e autor de livros didáticos no Brasil, trouxe à discussão sobre a Geografia Moderna Explicativa e Científica. Suas posições ofereceram contribuições importantíssimas para o Ensino da Geografia, conquanto a memória fosse capacidade principal para o estudante sair-se bem nas provas (Pontuschka, 2009, p. 46). Será que os professores de Geografia em sua práxis, ainda não usam e "abusam" dessa capacidade de memorização?

A disciplina de Geografia ministrada nas escolas começou a sofrer mudanças profundas a partir da criação de "Estudos Sociais" e "Educação Moral e Cívica", que contribuíram para causar danos à formação de toda uma geração de estudantes. Muitos estudiosos da época alertavam aos professores sobre os problemas oriundos da implantação dessas duas disciplinas, em especial a de Estudos Sociais que seria a substituta de História e Geografia, com isso, os licenciados nessas duas áreas perderiam suas titulações. Além disso, os Estudos Sociais apresentavam conteúdos generalizados e pouco determinados, não ficando claro a sua área de estudo.

A década de 1980 ficou marcada pela produção de livros didáticos de melhor qualidade e de vários títulos paradidáticos escritos por professores universitários da área de Geografia. Isso possibilitou uma discussão efetiva sobre os problemas da divisão dos conteúdos escolares e para minimizar a distância entre o Ensino de Geografia e a realidade social, política e econômica do País, que era apenas discutido no espaço acadêmico, foram marcadas, também, pela busca da melhoria da qualidade do ensino. Na década de 1990, passou a se pensar também na formação do profissional/professor, como informa Pontuschka:

Na estreita desse processo, sobretudo a partir dos anos 90, a formação dos professores e o exercício profissional da docência foram postos no centro das discussões. Era preciso repensar os cursos de formação docente, em razão não

apenas das novas exigências suscitadas pelo movimento de renovação curricular da escola fundamental e média, mas, sobretudo, dos problemas dos cursos de licenciatura, considerados, historicamente, fracos no que dizia respeito á formação satisfatória de seus profissionais. (PONTUSCHKA, 2009, p. 68).

Com isso, percebe-se que há um elo entre a qualidade do ensino e a formação do profissional que desempenha essa tarefa. Muitos professores, quando fazem a licenciatura, acabam descobrindo que não é aquilo que realmente gostam e muitas vezes continuam na carreira apenas por comodismo ou por falta de oportunidade de emprego em outra área, tornando-se, assim, profissionais frustrados e não desempenhando seu papel de educadores de forma satisfatória. Tal fato empobrece ainda mais o Ensino de Geografia acentuando a visão deturpada dos alunos e da própria sociedade em relação ao mesmo como sendo “supérfluo”, “inaproveitável”, e anda pior, sem aplicação prática no cotidiano.

A respeito do caráter descritivo da Geografia e de sua possível falta de aplicação dos conhecimentos oriundos da mesma, no dia a dia, na prática do cotidiano, como outrora salientado, Jean-Michael Brabant destaca:

O enciclopedismo contribuiu para a abstração crescente do discurso geográfico, ao mesmo tempo que alimentou o tédio das gerações de alunos que classificaram a geografia entre as matérias a memorizar.

O enciclopedismo igualmente concluiu o fenômeno de despolitização do discurso geográfico que consegue tão frequentemente falar da atualidade sem colocar um único problema político. (BRABANT, 2010, p, 19)

Depreende-se que o enciclopedismo na Geografia, trouxe para o ensino de geografia características que o tornará abstrato e “inflado” de conhecimentos irrelevantes, levando-o ao “detalhismo” extremo, como por exemplo, a descrição da paisagem, a nomenclatura exaustiva dos fenômenos (físicos/humanos); é preciso “decorar”, memorizar os nomes dos países, suas respectivas capitais, nomes de rios, etc., como se a Geografia se pautasse apenas na descrição. Além do mais, a herança deixada pelo enciclopedismo fez/faz com que o ensino geográfico ficasse despolitizado, alheio ao que se passa no mundo político, desconexo a realidade vivida na atualidade, ou seja, é disciplina que mostra o “atual” sem dar sentido ao exposto, ao “mundo” circundante; com isso, como bem frisa o autor, cria-se um “tédio” em relação à Geografia ensinada nas escolas, tanto no passado, como no presente.

2.4. O Livro Didático e o Ensino de Geografia

No primeiro momento, deve-se considerar o que se pode definir como sendo o Livro didático. Este, por sua vez, apresenta múltiplas funções, sendo considerado um produto cultural e, também, uma mercadoria, como tal deve atender a determinado mercado (livrarias, Governo, escolas privadas, etc.). Geralmente, é produzido por um ou mais autores, porém nos “bastidores” de sua produção, tem uma gama de profissionais envolvidos em seu tratamento industrial antes de sua entrada efetiva nas escolas e livrarias. Como uma mercadoria, tem uma finalidade específica para as editoras: ser vendido! As editoras, basicamente, têm um “alvo” que é vender suas coleções para o grande comprador de livros didáticos que é o Governo Federal.

A importância do Livro didático como principal instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem foi se consolidando ao longo dos anos. As políticas públicas que focalizaram o livro didático como uma preocupação de Estado vêm sendo elaboradas desde 1938, com a criação de comissões responsáveis por examinar e julgar esses livros, utilizados na época, além de indicar livros estrangeiros de valor para a tradução e a abertura de concursos para a produção de livros didáticos não existentes no país até o momento. Infelizmente, nem sempre tais comissões elegiam livros apropriados e de boa qualidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa pelos alunos. A respeito do exposto, Oliveira (2010) comenta:

Esse quadro abriu espaço para que a chamada “indústria do livro didático” ganhasse terreno. Foram, seguramente, os professores as vítimas deste processo – o livro didático tornou-se a “bíblia” dos professores e nem sempre as editoras colocaram no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidade científica. A grande maioria contém erros grosseiros cuja identificação certamente daria para escrever um livro. (ibidem, p. 137)

O autor deixa um alerta em relação às reais consequências advindas da produção “irracional” de livros didáticos sem o mínimo de seriedade e veracidade científica em seus conteúdos; como o mesmo diz os professores é que são as maiores vítimas dessa atrocidade, porém deve-se considerar sobre a questão do aluno que está inserido nesse processo de aprendizagem, pois é para eles (os alunos), ou pelo menos deveria ser que os livros didáticos são produzidos. Quando os docentes adotam o livro didático como sua “Bíblia” – essa sim autêntica e verdadeira - correm, em muitos casos, risco de incorrerem em graves erros já contidos no mesmo. Estes “erros” podem descaracterizar e desacreditar o ensino geográfico.

No que concerne ao livro didático, é importante ressaltar que em cada momento da história foram formulados programas que atendessem necessidades específicas. No período varguista, por exemplo, a preocupação relativa ao livro didático era estimular a produção para

atender e suprir a carência existente no país que, em grande parte, não possuía livros didáticos para as escolas. Por meio de muitos acordos, foram produzidos centenas de milhares de materiais literalmente descartáveis.

Algumas políticas adotadas por diversos órgãos do governo, como a FAE (Fundação de Assistência ao Estudante) criada em 1983, se restringiam basicamente á compra e distribuição do livro didático, sem, contudo, haver a preocupação de analisar a qualidade do material que era distribuído aos alunos dos estabelecimentos de ensino públicos do país. Este fato não deveria acontecer, visto a importância da avaliação que se deve fazer antes da efetiva distribuição dos livros didáticos.

Falando desse assunto Eliseu Savério Sposito enfatiza:

Com o objetivo primeiro de contribuir para a construção da cidadania, levando ás escolas conceitos e informações geográficas com correção e pertinência metodológica, o processo de avaliação do livro didático teve início em 1996, momento a partir do qual ele foi se aprimorando para expressar, de maneira mais ampla possível, todos os aspectos necessários para uma boa avaliação, que não implicasse em prejuízo para nenhum dos atores envolvidos na sua produção (autores e editoras) e utilização (professor, aluno e escola), mas fosse, por outro lado, instrumento eficiente e eficaz na consolidação do conhecimento geográfico, desde as primeiras séries do ensino fundamental. (SPOSITO, 2006, p. 57)

Com isso, gradativamente, foi havendo uma melhora significativa na produção e distribuição dos livros didáticos nas escolas públicas, especialmente os da disciplina de Geografia, que, como diz Lacoste (1997, p. 33), “de todas as disciplinas ensinadas na escola [...] a geografia e a única a parecer um saber sem aplicação prática para o sistema de ensino”, característica tal que, sem dúvidas, foi/é difundida no meio escolar pelos livros didáticos de baixa qualidade produzidos para essa disciplina no decorrer da história do ensino geográfico. É possível mudar essa realidade, ainda, tão gritante no meio escolar atual? Eis a questão!

2.5. O Problema da Escala no Ensino de Geografia

A sociedade atual vive o meio técnico-científico-informacional que, segundo Santos (1994), é um processo de cientificização, tecnização e informatização do espaço que faz da informação uma variável fundamental para se viver na sociedade globalizada. Este processo é irreversível; está posto e não mudará. A Geografia como ciência e disciplina escolar, deve estar inserida nessa nova realidade.

O objetivo primeiro de estudo em Geografia permanece sendo o espaço geográfico que, segundo Castrogiovanni (2000, p.12), “o espaço é tudo e todos: compreende todas as

estruturas e formas de organização e interações”. Para que a disciplina de Geografia venha dar conta desse objeto, é preciso que esteja voltada primeiramente para a realidade vivida pelos alunos, levando os conteúdos do livro didático para o cotidiano dos mesmos. O docente deve estar sempre criando condições de trabalho que possibilitem ao estudante aprender, levando em conta o seu próprio ritmo; deve ainda observar e levar em consideração os raciocínios prévios que cada aluno sabe, sempre havendo um ativo diálogo entre professor-aluno e vice-versa.

A escola desempenha papel crucial na construção dessa nova realidade apresentada ao ensino em geral, e em especial ao de Geografia, visto que possibilita um dinamismo com o espaço/paisagem/lugar. Todavia, sabe-se que a escola deixa muito a desejar, visto que, existe pouca aproximação dela com a vida, com o cotidiano dos alunos. Por seu formalismo excessivo, impossibilita, na maioria das vezes, a construção da identidade por parte do aluno como cidadão atuante e consciente da realidade em que está inserido no meio social. A respeito do formalismo excessivo que existiu/existe na disciplina de Geografia, Yves Lacoste complementa:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória...” De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeraram, para cada região ou para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias. (LACOSTE, 1997, p. 21)

Como foi evidenciado pelo autor, quando o foco da aula de Geografia é pura e simplesmente o conteúdo/assunto do livro didático, tal como está posto, para que o aluno simplesmente o reproduza, seja por meio da lousa ou de “resumos” do capítulo, a Geografia acaba se tornando uma matéria “enfadonha” e desinteressante. Como se sabe a “personagem” central em sala de aula não é o professor, como sendo o detentor de toda sabedoria e conhecimento do Universo, nem o livro didático, com seus conteúdos por vezes memorativos e pouco empolgantes (o que, na maioria das vezes, o torna “vilão” da história), e sim o aluno.

A aproximação dos conteúdos de caráter geográfico para a realidade do aluno torna-se imprescindível, para isso se faz necessário o estudo da escala geográfica. Segundo Iná Elias de Castro:

A escala é uma estratégia de aproximação do real, que inclui tanto a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno, o que a define como problema dimensional, como a complexidade dos fenômenos e a impossibilidade de apreendê-los diretamente, o que a coloca como um problema também fenomenal (CASTRO, 2001, p.118).

Conceito aplicável aos conteúdos tanto do livro didático do 8º ano como ao do 9º ano, visto que os mesmos partem de uma escala bastante abrangente, dimensional e deve ser trazida para uma escala menor para a apreensão por parte do aluno. Essa aproximação geográfica do real enfrenta o problema básico do tamanho, que varia do espaço local ao planetário, não havendo essa aproximação a compreensão do aluno ficará comprometida.

A escala permite um modo de aproximação do real, uma forma de tornar o mundo perceptível e de apreendê-lo. Há grande dificuldade de aproximação do real, visto a necessidade de representação e fragmentação. Sobre o exposto Helena Copetti Callai complementa:

Em Geografia, uma das questões mais significativas ao tratar do que estudar diz respeito à escala de análise que será considerada. Ao estudar o espaço geográfico, a delimitação do mesmo é um passo necessário, pois que o espaço é imenso, planetário, mundial. O que dele/nele estudar? Para dar conta da delimitação, deve-se fazer a referência à escala social de análise que, em seus vários níveis, encaminha a recortes que elegem determinada extensão territorial. Estes níveis são o “local, o regional, o nacional, o global”. (CALLAI, 2000, p.83).

Com isso, fica evidente a necessidade de estudar e apreender o lugar, pois ao passo que o mundo é global, as experiências e representações de cada indivíduo, a relações sociais acontecem nos lugares específicos. Na sala de aula não é diferente, visto que os alunos constroem o seu conhecimento com base no que vivem e presenciam na sociedade em que estão inseridos; nas discussões sobre os continentes, por exemplo, deve-se sempre trazer da escala global para a local, para a vivência do estudante, só assim tais conteúdos adquirirão significado e importância para os mesmos. O professor deve ir além das explicações simplistas, que nada contribuem para uma reflexão profunda por parte do aluno.

Os conteúdos abordados no livro didático do 8º ano são repletos de informações que, muitas vezes, dificultam para o professor a escolha do que é “indispensável” passar para o aluno durante o ano letivo. Como diz Callai (2000, p. 101), “Os conteúdos da Geografia, que têm como meta estudar o mundo, são extremamente vastos e cada vez mais vão aumentando, o que significa que deve ser feita uma seleção destes, o que tem sido uma tarefa bastante árdua para os professores”. Não é fácil a escolha dos conteúdos, porém cabe ao professor eleger aqueles de maior relevância e significado para o aluno proporcionando condições para a construção do seu próprio conhecimento.

2.6. As diferentes escalas: geográfica e cartográfica

O vocábulo escala é seu uso é bastante antigo, nascendo, praticamente, com a Geografia. Essa palavra encontra-se vinculada ao vocabulário e ao imaginário, tanto de pessoas da área da Geografia, quanto a pessoas comuns. Os primeiros, ao se referirem a seu respeito, geram uma polêmica acerca dos sentidos polissêmicos que o termo contém e, também, a respeito de sua efetiva utilidade, tanto nos meios acadêmicos, quanto no meio escolar.

Muitos, ao reportarem-se a escala, tem a concepção da mesma apenas “como recurso matemático fundamental da cartografia [...] sempre foi, uma fração que indica a relação entre as medidas do real e aquelas de sua representação”. (CASTRO, 2001, p. 117) Todavia, essa definição tem se tornado contraditória, visto que o termo é bastante amplo e passível de reflexão, desde que o mesmo seja libertado de seu caráter puramente matemático/estatístico. Há uma grande problemática envolta nesse assunto, como informa Iná Elias de Castro:

Na geografia, o raciocínio analógico entre escalas cartográfica e geográfica dificultou a problematização do conceito, uma vez que a primeira satisfaz plenamente às necessidades empíricas da segunda. [...] Exigências teóricas e conceituais impuseram-se a todos os campos da geografia, e o problema da escala, embora ainda pouco discutido, começa a ir além de uma medida de proporção da representação gráfica do território, ganhando novos contornos para expressar a representação dos diferentes modos de percepção e de concepção do real (CASTRO, 2001, p. 117-118).

Como visto, ao se referir a escala, volta-se exclusivamente para a escala cartográfica, talvez por esta ser mais “popular” e difundida nos meios acadêmicos e, de certa maneira, se negligencia a questão da escala geográfica, importantíssima no contexto atual de sala de aula, haja visto a necessidade eminente de sua aplicação, essencialmente, nos conteúdos dos livros didáticos do 8º e 9º anos, que trazem uma Geografia mais “abstrata” e distante, por vezes, da realidade local do aluno e do professor que a leciona. A autora evidencia a existência de diferenças entre as escalas cartográfica e geográfica, não sendo plausível se fazer uma analogia entre as mesmas, como se falando de uma estivesse, também, explicitando a outra.

O Ensino de Geografia, atualmente, tem assumido uma nova postura, desempenhando um papel crucial na escola e na sociedade se apresentando, também, como fundamental na formação dos sujeitos frente ao mundo globalizado. Para tanto, deve “incutir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade, não com o homem abstrato, mas com o concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta” (OLIVEIRA, 2010, p. 143). Não adianta estagnar-se no “abstrato”, deve-se partir para o “real”, o “concreto”, o “atual”, para, assim, dar-se significado para as escala de análise. A abordagem do real enfrenta o problema elementar do tamanho, variando do espaço local ao planetário.

Pode-se questionar: qual a importância de se compreender a escala geográfica? Pode-se dizer que: (1) é imprescindível saber a diferenciação da mesma em relação à escala cartográfica; (2) o mundo é global, mas as experiências e representações de cada indivíduo acontecem nos lugares específicos; (3) a escala geográfica é um instrumento primordial para se tornar o mundo perceptível e, por último e não menos importante: é um tema pouco debatido na Geografia, tanto escolar, quanto acadêmica.

Ao se estudar os fenômenos geográficos, é preciso objetivar os espaços na escala em que estes acontecem e são percebidos. Para que tais fenômenos sejam compreendidos, encontra-se o problema do tamanho que, como visto anteriormente, varia do local ao planetário, assim é preferível se fazer recortes espaciais que privilegiem os pontos de maior interesse. Assim, “tão importante como saber que as coisas mudam com o tamanho, é saber exatamente o que muda e como” (CASTRO, 2001, p. 121).

2.7. Importância do estudo da escala local para o ensino de Geografia

É cada vez mais nítida a importância que a Geografia, como disciplina escolar e acadêmica, vem assumindo na atualidade, visto que a mesma tem como objeto de estudo o espaço geográfico que, por sua vez, revela a relação entre os elementos naturais e a ação de diferentes grupos humanos sobre eles e sobre as paisagens construídas. Para se entender essa questão, pode-se utilizar o seguinte exemplo: tudo, ou quase tudo, que acontece no Mundo está ao alcance da sociedade pelo conhecimento, veiculados pelas notícias de Telejornais, jornais impressos, rádio e, principalmente, pela internet, que possibilita a conexão com o mundo num “click”. Por vezes, toma-se conhecimento de fatos e acontecimentos ocorridos do outro lado do Planeta, mas às vezes, não se está inteirado do que se passa no Município vizinho, ou seja, do que está acontecendo no lugar onde se vive.

O espaço, como já visto anteriormente, é imenso, planetário, mundial, então, o que dele/nele analisar? Para se analisar o espaço é preciso delimitá-lo, é aí que entra a questão da escala de análise local.

Evidenciando a importância do estudo da escala local, do lugar vivido, produzido, onde é possível tecer relações com o meio natural e social, Helena CopettiCallai diz:

Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local. A globalização e a localização, fragmentando o espaço, exigem que se pense dialeticamente esta relação. (CALLAI, 200, p. 84)

Aprender o lugar, em Geografia, indica entender o que se passa no espaço em que se vive, muito além de suas condições, sejam naturais ou sociais. O espaço desenvolvido surge da história de cada sujeito, onde moram, como trabalham, se relacionam, produzem, se alimentam, etc., ou seja, da identidade que cada indivíduo imprime no lugar, desenvolvendo, assim, “sentimentos” de pertencimento em relação ao mesmo. Quando se compreende o lugar em que se vive, passa-se a perceber e entender as coisas que acontecem no meio circundante. Não existem lugares neutros, cada pessoa deixa marcas que irão constituir sua historicidade. Sendo assim, fica evidente que o estudo do lugar/local é um desafio constante para os que fazem o Ensino de Geografia em sala de aula.

Sabido da importância do estudo do lugar para se construir conhecimentos significantes, tanto pelo aluno como pelo professor, é irresistível a pergunta: por que é tão pouco estudado/realçado essa temática nos meios acadêmicos e escolares? Sobre esse questionamento, Antônio Carlos Robert Moraes aponta uma possível resposta:

A ausência de uma reflexão mais vigorosa acumulada acerca do ensino de geografia em si – poder-se-ia dizer uma pedagogia da renovada – aparece como um primeiro indicador. É interessante assimilar que, nesse sentido, a prática da maioria dos geógrafos fica a descoberto de questionamentos teóricos o que redundaria num gradual afastamento. As práticas questionadas na discussão universitária acabam estranhas ao cotidiano do professor. O abismo da linguagem, numa época de rápida renovação, avança exponencialmente na mesma circularidade tem-se a defasagem do currículo universitário, que coloca o ingressante no magistério despreparado para a situação de aula. E, por conseguinte portador de uma bagagem refinada de técnicas e teorias sem nenhum horizonte de aplicabilidade real em seu trabalho. (MORAES, 2010, p. 119-120)

Com o exposto, fica claro que não adianta muito ao graduando em licenciatura, seja de qual área for ser abarrotado de teorias sem aplicabilidade na realidade da sala de aula. Seria primordial que os professores universitários ao “encher” seus alunos de teorias e conhecimentos “ditos” essenciais questionarem-se primeiro: em que o aluno irá aplicar tal teoria/conhecimento quando estiver em sua prática na sala de aula?! Será que realmente é necessário esse conteúdo, ou deveria pensar em outro que fosse mais “aplicável” na realidade da prática docente?

Assumindo essa postura, talvez, se evitasse o que foi expresso na fala do autor sobre a questão do “ingressante no magistério despreparado para a situação de aula” que “conclui” a graduação em licenciatura, mas não está totalmente preparado para o mercado de trabalho. Nem sempre informação demais é sinônimo de conhecimento, como expõe Callai (2001, p. 135): “as informações e o conhecimento adquirido são instrumentos para o processo de formação dos estudantes e não o objetivo final...”.

2.8. A escala geográfica no Nível Fundamental: algumas considerações.

O Ensino Fundamental (I e II) é uma das fases estudantis mais significativas, visto que é no mesmo, onde são desenvolvidas as potencialidades dos estudantes. É no Ensino Fundamental, principalmente a partir do 6º ano, que o aluno vai adquirindo conhecimentos geográficos de forma relevante para sua aprendizagem. É a partir desse momento que vão sendo deixadas, de forma expressiva, as “marcas” da Geografia que se ensina, em cada sujeito. O professor desempenha papel crucial nas impressões que são deixadas na vida escolar de cada discente em relação ao que entendem como sendo “GEOGRAFIA”. E que marcas, então, devemos deixar? Da Geografia como sendo “árvore infrutífera”, que nada tem a oferecer? Ou como uma “árvore frutífera”, que produz frutos na vida de cada sujeito? Frutos de uma consciência crítica, politizada, desejosa de compreender o mundo em sua totalidade, a impressão de que “tudo” que se vê e faz tem um pouquinho de Geografia! Podemos e devemos ser como diz Vesentinni (2006, p. 24), “um verdadeiro educador, preocupado com a conquista da cidadania, [...] contribuir para o crescimento (no sentido amplo do termo: intelectual, cognitivo, afetivo...) do educando, para a sua autonomia, criatividade e senso crítico”, sem dúvidas, é o que se deve almejar.

O livro didático é um recurso que apresenta diversas características que o tornam importante; sendo considerado ao mesmo tempo uma produção fundamental para a cultura e uma mercadoria para as grandes editoras. Contudo, continua a ser, para muitos, o referencial na sala de aula, tanto para alunos quanto para professores, sejam de escolas públicas como particulares. Seu uso em sala de aula dependerá de vários fatores, tais como a formação geográfica e pedagógica que o professor teve durante sua graduação, o tipo de escola, visto que os procedimentos encontrados nas escolas são distintos, tanto em escolas públicas quanto nas particulares, o público ao qual será ensinado, o tipo de livro didático escolhido e, por fim e não menos importante, às classes sociais que serão atendidas.

Os livros didáticos atuais apresentam em seus conteúdos diversas propostas que possibilitam ao professor desempenhar um bom trabalho em sala de aula, como a inclusão de textos complementares ao tema trabalhado na unidade/capítulo, textos de jornais e revistas e sugestões de *sites* para a pesquisa por parte, tanto do professor quanto dos alunos. Todavia, alguns deixam a desejar no que concerne a sua linguagem e a realidade apresentada, pois geralmente o livro é elaborado em Estados diferentes dos em que é utilizado, ou seja, a maior

parte dos livros didáticos apresenta uma realidade diferente da que o estudante vivencia, tornando difícil a sua apreensão.

A realidade acima exposta é bastante evidente nos livros didáticos do 8º e 9º anos, sobretudo no que se refere aos continentes e seus respectivos países, pois tais conteúdos/temas exigem do aluno uma abstração grande para que possa haver sua devida compreensão. Sabe-se, porém, que muitos estudantes não conseguem obter esse nível de abstração, com isso acabam ficando desmotivados e distantes das aulas. Como diz Lana de Souza Cavalcanti:

O ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino. Nesse sentido, os objetivos sociopolíticos e pedagógicos gerais do ensino e os objetivos gerais da Geografia escolar é que orientam a seleção e a organização dos conteúdos para uma situação de ensino. No entanto, é o uso de um método de ensino adequado que pode viabilizar os resultados almejados. Se se quer ensinar os alunos a pensar dialeticamente, importa definir ao mesmo tempo que conteúdos permitem a eles o exercício desse pensamento e o modo pelo qual esse exercício é viável. (CAVALCANTI, 2010, p. 25).

Com isso, esclarece-se que o foco do ensino aprendizagem deve ser o aluno, este deve ser o “centro” das atenções, o professor desempenha o papel de mediador entre os conteúdos selecionados no livro didático e o estudante. Que resultados se quer alcançar com a prática pedagógica que se utiliza em sala de aula? Será que tal (ais) prática (as) é relevante para o aluno, desempenhará importância no processo de construção do senso geográfico do aluno? Respondendo a esses questionamentos, sem dúvidas, encontram-se caminhos que levem a aprendizagem efetiva do discente.

Acerca do apresentado Callai (2001) reforça:

[...] a escola em geral tem sido tão ineficiente, que diante dos problemas que enfrenta cai na negligência. Como se diz popularmente, o professor faz de conta que ensina, o aluno faz de conta que aprende, e os pais fazem de conta que aceitam. E na maioria das vezes não se ensina mais nada porque o aluno não se interessa e cada vez é exigido menos dele, a ponto de não ter uma postura de educação, quer dizer, o aluno reconhecer que estudar e aprender exige esforço e dedicação. (ibidem, p. 144)

A insuficiência e negligência que se é creditada a escola, e quando se refere a esta se inclui professores, gestores, alunos e funcionários em geral, é uma realidade dura e gritante na atual conjuntura da educação brasileira. O “fazer de conta que se ensina” é inadmissível para um professor. E quando se remete para os que lecionam Geografia fica mais grave, pois esta é uma disciplina que possui conteúdos essencialmente sociais, ligados com as coisas concretas da vida e que não deveriam ser deixados de lado.

Os livros didáticos do 8º e 9º anos são as “maiores vítimas” de negligência por parte dos professores de geografia, por seus assuntos descritivos e de memorização levam a, muitos

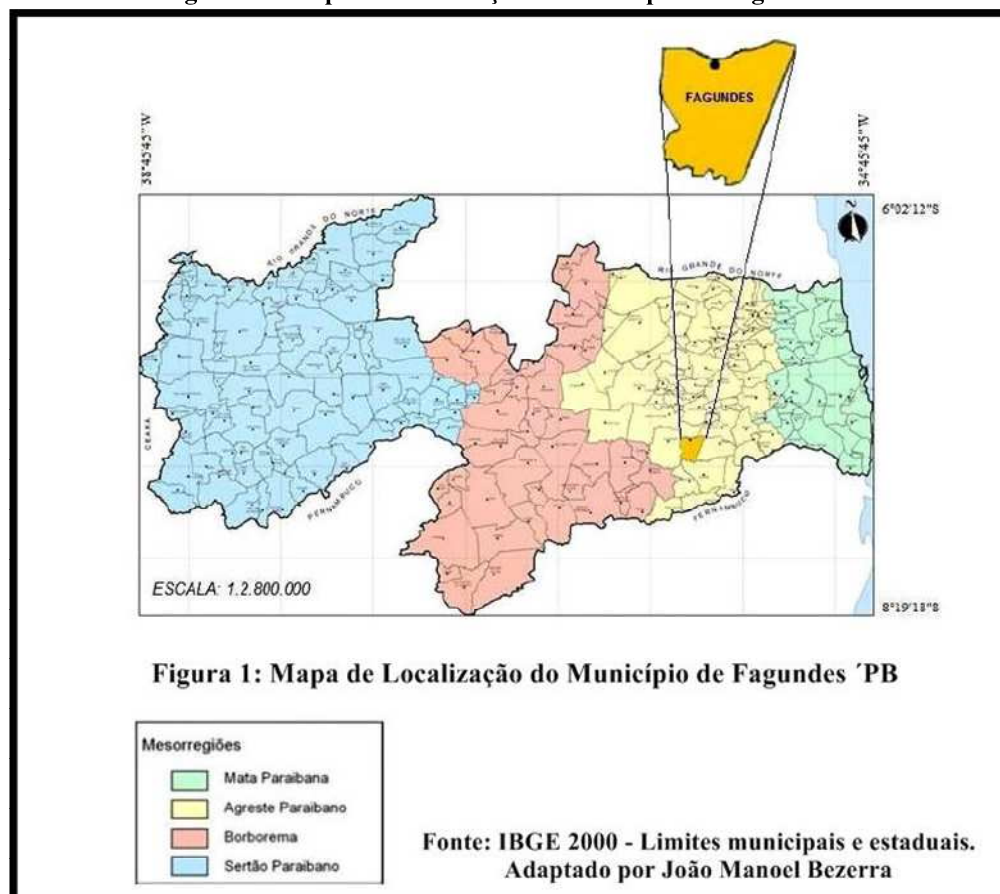
discentes, ter uma postura de negligencia-los. Passam-se, praticamente, dois anos letivos debruçados em uma mesma temática: CONTINENTES! América (Norte, Central, Sul) e África no 8º ano e no ano letivo seguinte volta-se a mesma temática, mudando apenas de continente: Europa, Ásia e Oceania. Cansativo para o professor não é? Imaginemos para os alunos! Todavia, não se deve omitir estes conteúdos e sim procurar alternativas para motivar o seu aprendizado por parte dos discentes, junto com o professor.

3. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

3.1. O Município de Fagundes – PB: algumas considerações

O município de Fagundes está localizado na Microrregião de Campina Grande e na Mesorregião do Agreste paraibano, no Planalto da Borborema na Serra do Bodopitá e inserido na Unidade Geoambiental da Depressão Sertaneja. Encontra-se a uma altitude de 505 m, situa-se entre as coordenadas 07°21'18" S e 35°46'30" W.

Figura 01: Mapa de Localização do município de Fagundes-PB.



Fonte: IBGE, 2000 - Limites Municipais e Estaduais. Adaptado por João Manoel Bezerra

Possui uma área de 162.101 Km². Tem uma população estimada em 11.09 habitantes (IBGE 2010) e densidade demográfica de 70,35 hab./Km². O clima predominante é do tipo Tropical Semiárido (AS'), com chuva de verão. A precipitação média anual é de 431,8 mm. Dista da capital João Pessoa 12 Km e está a 9 Km da R-230, ligada a mesma pela PB-100, sendo esta o meio de acesso ao município.

Assim como muitos outros municípios paraibanos, tem população predominantemente rural possuindo como principais atividades econômicas a agricultura e a pecuária de subsistência. Os órgãos públicos municipais e estaduais, existentes no lugar, contribuem significativamente na situação econômica da localidade, haja vista serem as principais fontes de empregabilidade no lugar. Essa falta de empregabilidade vem refletindo na diminuição progressiva da população, como ficou evidenciado no Censo Demográfico 2010. Uma parcela importante dos jovens tem migrado para outras cidades e outras regiões do país, principalmente para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de emprego e vida.

3.2. O Ensino de Geografia em Fagundes – PB

3.2.1. A escola campo de pesquisa

O município de Fagundes possui duas escolas de porte considerável que abriam do Maternal ao Ensino Médio, são estas a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva e a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Nila Ferreira da Silva. Esta será o objeto de estudo da presente pesquisa, especificamente a turma do 8º ano “A”.

A E. M. E. F. M. Nila Ferreira da Silva abriga hoje, aproximadamente, 1080 alunos, distribuídos nos três turnos, sendo que o turno da tarde é o que possui o maior número de estudantes, uma média de 500, em sua grande maioria provindos da zona rural do município. Possui em seu quadro docente cinco professores de Geografia, distribuídos nos três turnos.

Foi feito um levantamento de dados para conhecimento dos recursos didáticos e auxiliares existentes na escola (Apêndice 1). Foi disponibilizada uma lista de recursos para que a secretária da escola assinalasse os que estavam à disposição no momento, tais como: Datashow, mapas em geral, globo terrestre, laboratório de informática, sala de vídeo, o acesso

à internet pelos professores e alunos, entre outros, sendo num total de quinze itens vistos pelo pesquisador como essenciais para o enriquecimento das aulas pelos professores de ambas as áreas, mas especialmente os de Geografia.

A escola, segundo as informações fornecidas pelos funcionários da secretaria, possui os quinze itens apontados, o que nos leva a presumir que a mesma está bem equipada e pronta a proporcionar um ensino de qualidade, pelo menos na teoria.

3.2.2. O Livro Didático do 8º ano: algumas propostas

Como outrora salientado, o livro didático continua sendo um instrumento indispensável nas salas de aula, visto que, em muitos casos, é o único referencial para os professores e alunos, sendo, na maior parte dos casos, principalmente nas escolas públicas, um dos poucos recursos didáticos disponíveis para a ministração das aulas. Todavia, na situação atual em que se encontra o ensino, em especial o de Geografia, disciplina versátil e que tem um papel social importante, pois a mesma evoca o atual trabalhando com o espaço geográfico, faz-se necessário a intervenção com outros recursos metodológicos para, assim, produzir um aprendizado significativo para os discentes que, como já evidenciado, estão cada vez mais desinteressados e desestimulados a estudarem.

A realidade do mundo atual exige que o professor esteja constantemente atualizado sobre tudo o que está se passando, pois, caso isso não aconteça, o profissional docente não irá conseguir concorrer com os celulares, tablets, iphones, entre outros eletrônicos que estão cada vez mais presentes nas salas de aula. Os livros didáticos e as aulas ministradas com o mesmo, não muito atraentes e interessantes para o aluno, deparam-se com tais inovações tecnológicas que o estudante traz para manterem-se conectados ao mundo virtual, principalmente as redes sociais havendo, assim, uma concorrência desleal. O que fazer diante de tão avassaladora realidade encontrada na sala de aula hoje em dia? Eis uma importante questão a ser debatida!

O livro didático de Geografia utilizado na Escola Municipal Nila Ferreira da Silva, bem como em todo o município de Fagundes, é o “*Jornadas.Geo*” produzido pela Editora Saraiva, que está em sua segunda edição do ano de 2012. Tem como autores o professor e bacharel em geografia Marcelo Moraes Paula e a Mestre e professora de geografia Ângela Rama. O livro será usado entre o triênio 2014-2016. O mesmo é bastante resumido e dividido em unidades com capítulos curtos, o que torna os conteúdos compactos e com informações simples e de fácil memorização pelos alunos, fato que, de certo modo, não possibilita aos mesmos reflexões críticas e raciocínio geográfico da realidade em que estão inseridos.

O *Jornadas.Geo*, para o 8º ano, divide-se em oito unidades e 32 capítulos, cada unidade com quatro capítulos ao todo, além dos textos complementares e das atividades propostas no fim de cada capítulo. A primeira unidade trata das regionalizações do espaço mundial, a segunda, terceira e quarta unidades vêm falar das Américas, as unidades cinco, seis e sete sobre o continente Africano e a última mostra a Oceania e a Antártida. Se formos dividir as unidades pela quantidade de bimestres do ano letivo, daria duas unidades por cada bimestre, sendo que as unidades sobre o continente americano e africano ocupam um bimestre e meio, ou seja, passam-se praticamente três bimestres trabalhando-se sobre esses dois continentes. Como trabalhar com um conteúdo tão maçante, tanto para os professores e, principalmente, para os alunos, de forma a aguçar o interesse e despertar o estímulo pelo aprender? Como atrair a atenção do alunado em meio à concorrência das redes sociais e da internet em si? É irresistível o uso do velho e conhecido dito popular “se você não pode com o inimigo, junte-se a ele”.

É papel fundamental do professor selecionar conteúdos que sejam relevantes e significativos para os alunos, no caso, o que fazer para trazer para a realidade do aluno os conteúdos sobre os continentes, sobre países tão fora do contexto social e político vivido pelos estudantes? Parece difícil a resposta, mas encontra-se na forma como o professor mediará tais temas na sala de aula.

Uma proposta relevante é a utilização de mapas, algo tão antigo quanto a Geografia, mas que faz toda a diferença na aplicação e ampliação do estudo da disciplina. Para Almeida e Passini (2010, p. 16) “O mapa é de suma importância para que todos que se interessem por deslocamentos mais racionais, pela compreensão da distribuição e organização dos espaços, possam se informar e se utilizar deste modelo e tenham uma visão de conjunto”. Dessa forma, como ficou claro na fala dos autores, o mapa desempenha papel essencial para as aulas de Geografia.

Adicionalmente, os novos recursos tecnológicos devem se fazer cada vez mais presentes no meio escolar, como afirma Rosselvelt José Santos:

O ensino de Geografia como o de outras disciplinas, depara-se hoje com uma imensa oferta de produtos da indústria cultural (filmes, fotografias, músicas, charges, dentre outros) em virtude das novas tecnologias e de acesso a muitas informações. Cada vez mais, os saberes escolares são associados às mudanças da modernidade e têm de dialogar com inúmeras orientações pedagógicas contemporâneas, a sociabilidade, a apropriação dos conteúdos e a construção do conhecimento (SANTOS, 2010, p. 43).

Assim, percebe-se que, além do mapa poderão ser inseridos nas aulas de Geografia recursos que muitas vezes são menosprezados pelos professores como livros paradidáticos,

revistas, jornais, filmes, fotografias, músicas, charges e imagens em geral. Para isso, é necessário que o professor esteja aberto a dinamizar suas aulas “fugindo” das tradicionais técnicas de quadro-negro/lousa e giz/pincel que o aluno está acostumado ver.

É proporcionando ao aluno oportunidades de (des)construir e reconstruir o conhecimento que o mesmo possui que seu aprendizado será significativo. Outra possibilidade de se trabalhar em sala de aula com os estudantes é usando as mídias eletrônicas como o computador, Datashow e TV/DVD e a internet, incluindo as redes sociais, que hoje exercem tão grande influência na sociedade. Para isso, o professor deve estar preparado e a escola deve proporcionar estrutura para que isso possa, de fato, acontecer, o que infelizmente não ocorre nas escolas públicas brasileiras.

3.2.3. A turma do 8º Ano “A” 2014

A turma do 8º ano “A” da Escola Municipal Nila Ferreira da Silva é composta por 23 alunos, com média de idade entre 13 e 14 anos, dos quais 14 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Os estudantes, em sua maioria, são pertencentes à classe social baixa, alguns moram na cidade, outros vêm dos sítios circunvizinhos a mesma.

A turma foi escolhida para a presente pesquisa pelo fato de o autor estar trabalhando na mesma os conteúdos referentes ao continente Africano. Visto a possibilidade de se trazer para a prática o que vem sendo debatido é que foi priorizada a turma do 8º ano “A”. Esta é bastante dispersa, o que dificultou o processo da introdução das metodologias nas aulas, haja vista a desmotivação e o desinteresse em relação à disciplina de Geografia.

A turma estava bastante atrasada no que diz respeito ao conteúdo programático do livro didático, fato este ocorrido pela ausência de professor de Geografia no início do ano letivo e pela saída da professora contratada, que precisou se ausentar por problemas de saúde advindos de uma gravidez de risco, este fato levou os alunos a ficarem cerca de um mês sem aula da disciplina. A professora referida não é formada em Geografia e usava, de acordo com o depoimento dado pelos alunos, como principal metodologia para suas aulas os resumos de capítulos do livro e os exercícios dirigidos contidos no mesmo. Apesar de ser um tanto quanto dispersa, a turma é bastante esforçada e possui um bom nível de leitura e escrita.

No começo da ministração das aulas foi percebida uma pequena estranheza por parte dos alunos, pelo fato de se estar explicando os conteúdos, de uma forma problematizadora e procurando-se contextualizar com as escalas local e nacional, até então em desuso nas aulas

anteriores. Essa situação nos deixa um tanto quanto perplexos, pois ainda se é permitido pessoas que não são das áreas específicas de ensino ministrar aulas de Geografia; e a situação se torna pior quando se percebe que isso ocorre por “apadrinhamento” político, ou qualquer motivação do gênero, é posto qualquer pessoa para lecionar numa turma, especialmente Geografia, vista como sendo uma disciplina fácil de ser ensinada. Essa situação ocorreu no 8º “A”, gerando um grande atraso nos conteúdos programados para o ano letivo e, conseqüentemente, prejudicando o ensino-aprendizagem dos estudantes, que deixaram de ver temas essenciais a ser apreendidos no 8º ano do Ensino Fundamental.

Devido aos excessivos feriados e dias em que não houve aulas por causa de eventos da escola (Gincana, Jogos Internos, Mostra Pedagógica, entre outros), além dos dias sem aula por conta do processo eleitoral 2014 do 1º e 2º turnos, a turma, e a Escola como um todo, foi grandemente prejudicada. Contudo, tentou-se ao máximo aproximar os conteúdos do livro didático para a realidade dos alunos. Para isso, valemo-nos de alguns recursos metodológicos, como será enfatizado a seguir, para o enriquecimento das aulas e para o desenvolvimento de um ensino significativo para os discentes.

3.2.4. O tipo de pesquisa e as estratégias desenvolvidas

Na realização da presente pesquisa foi feito um estudo com caráter qualitativo abordando a dinâmica das variáveis socioeconômicas e políticas que permeiam o Ensino, sobretudo o Ensino de Geografia, já que este proporciona a formação de cidadãos críticos e pensantes, conscientes da realidade em que vivem analisando o contexto da aplicabilidade da escala geográfica nos conteúdos do livro didático do 8º ano.

O Método de Abordagem para a pesquisa foi o dedutivo, visto que o estudo foi pautado na análise do geral, o Ensino de Geografia, para o particular, o Ensino de Geografia na Escola Municipal Nila Ferreira da Silva, porém teve também uma abordagem, ainda que superficial, do Método Indutivo, haja vista a experiência e a proximidade do autor acerca do local de pesquisa.

Para a compreensão do Ensino de Geografia na atualidade, foi focado um resgate histórico do mesmo, dando-se ênfase ao critério qualitativo, objetivando encontrar as possíveis causas para a visão que o aluno e a própria sociedade têm do Ensino de Geografia como sendo algo “desnecessário” e sem significância.

Foi analisada a questão da(s) metodologia(s) que é/são adotada(s) no 8º ano, e como os docentes apresentam a Geografia aos alunos dessa série/ano, tendo como destaque a

apresentação de propostas metodológicas para a aplicação e melhor compreensão pelos estudantes dos conteúdos referentes a essa série/ano.

Fez-se um levantamento bibliográfico relacionado á temática do estudo, no intuito de selecionar o material mais necessário para o aprofundamento da pesquisa, com base na categoria Lugar. Este, por sua vez, na literatura geográfica, está presente de diversas formas e estudá-lo é indispensável, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos.

Como forma de enriquecimento da pesquisa foi feito um levantamento de dados a cerca da escola objeto de estudo objetivando colher dados essenciais para a pesquisa, como por exemplo, o número de alunos da escola, os recursos disponíveis na mesma, entre outras coisas. Além da aplicação de um questionário com a turma do 8º ano “A” para identificar-se as impressões que os alunos tem acerca da disciplina de Geografia, tais informações forma fundamentais para o pesquisador, pois possibilitou compreender melhor o desinteresse da turma em relação a disciplina de Geografia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Trabalhando com o conteúdo “O Continente Africano”: algumas aplicações metodológicas

Para uma transformação que gere um efeito positivo no Ensino, em especial o de Geografia, é indispensável que haja uma mudançanas práticas adotadas por aqueles que fazem o Ensino em si; sejam professores, gestores, etc., pois se observa que a criação de práticas que mobilizem toda a Escola causam melhores resultados.

A discussão sobre as metodologias de ensino, atualmente, assume novas formas em vista da percepção que se tem em relação às abordagens feitas pelos alunos e até mesmo pelos próprios professores sobre a realidade da sala de aula. As metodologias não são meras formas “neutras” nas quais os conteúdos são apenas depositados; os conteúdos estão cada vez mais específicos, o que exige, de certa forma, maior coesão nas suas maneiras de produzir e trabalharseu conhecimento.

Sem duvidas, a(s) metodologia(s) que se adota(m) em sala de aula trará(ão) reflexos para a vivência dos alunos. A maior parte do desinteresse dos estudantes, em todos os níveis,

vem da forma como os professores abordam as temáticas na classe; e quando se remete ao Ensino de Geografia, essa situação se agrava ainda mais, visto que, num contexto histórico, e apesar das grandes transformações por que passou a disciplina, esta é vista ainda como algo sem utilidade e de memorização, como mostram os PCNs:

A memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino de geografia, mesmo nas abordagens mais avançadas. Apesar das propostas de problematização, de estudos do meio e da forte ênfase que dá ao papel dos sujeitos sociais na construção do território e do espaço, o que se avalia ao final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes (BRASIL, 1997, p. 108).

Esse problema vem se arrastando no ensino de Geografia, há muito tempo. Apesar do enfoque que hoje é dado para a disciplina voltando-se aos sujeitos sociais e ao espaço geográfico em si, o que se presencia nas salas de aulas são alunos cansados de uma matéria que os sobrecarrega de conteúdos enfadonhos e de memorização.

A proposta para se trabalhar no 8º Ano “A” na Escola Municipal Nila Ferreira teve como base o emprego de metodologias que possam aproximar o conteúdo, no caso “O Continente Africano”, da realidade dos alunos, visto que há uma necessidade maior em relação a tal tema, pois o mesmo é de caráter teórico/abstrato, o que pode ser levado, se não forem empregados procedimentos metodológicos dinâmicos, a sua mera memorização. Para tanto, foi preciso que houvesse um maior esforço por parte do professor para a implementação de recursos metodológicos que buscassem trazer, além da teoria à prática para a sala de aula.

No primeiro momento, foi visto a necessidade de se adiantar o conteúdo do livro, especialmente os considerados como sendo indispensáveis para uma boa formação curricular de um aluno de 8º ano, para tanto foi proposta à turma a apresentação de seminários para, assim, haver uma dinamização das aulas e um maior entrosamento entre o professor/alunos e entre a turma como um todo. Os temas e a apresentação dos seminários (Tabela 1) foram feitas de acordo com critérios que seguidos, conforme proposto, gerariam a nota do aluno. Os seminários ficaram assim distribuídos:

Tabela 1: Cronograma para os Seminários da turma do 8º ano “A” (3º Bimestre/2014)

Escola Municipal Nila Ferreira da Silva		
Fagundes – PB		
Disciplina: GEOGRAFIA		Professor: JOÃO MANOEL BEZERRA
<u>3º Bimestre – Roteiro para os Seminários (8º Ano “A”)</u>		
Dias: Segundas, Quintas e Sextas		Tempo: mínimo 15 e máximo 25 minutos
Data	Grupo	Tema
22/09	1	A diversidade étnica e

		linguística na África
25/09	2	A cultura africana
26/09	3	As condições de vida no continente africano
26/09	4	Os conflitos no continente africano
09/10	5	As doenças e a fome no continente africano
Critérios de avaliação: Confeção de cartazes ou apresentação de slides no Datashow (1,0 ponto); Apresentação do tema de forma dinâmica com a participação e interação de todos os componentes do grupo (Individual: 1,0 a 3,0 pontos); Elaboração de cinco questões, do tema apresentado, para ser entregue a turma(1,0 ponto) e Trabalho escrito para ser entregue no dia da apresentação com no mínimo 2 páginas e no máximo 4 páginas (1,0 a 5,0 pontos).		

O seminário se mostrou uma importante ferramenta para a aproximação do tema estudado, pois possibilitou ao aluno um leque de possibilidades para pesquisa, confecção e apresentação do mesmo. Ficou livre a forma como a apresentação do tema seria feita, sob a orientação do professor, os alunos deveriam trazer um conteúdo diferenciado do encontrado no livro didático. Essa estratégia levou aos discentes a se dedicarem mais a pesquisa, fazendo esta de forma mais aprofundada e, conseqüentemente, a apreensão da temática foi mais proveitosa. Tal fato ficou evidenciado nas notas dos seminários, que foram excelentes, gerando uma média de todos os grupos de 8,1.

Outro ponto positivo dos seminários foi a motivação gerada na turma, os alunos passaram a prestar mais atenção nas aulas, isso ocorreu pela aproximação que eles tiveram com o conteúdo, o que gerou um interesse maior pelo aprender. Com isso, percebe-se que quando o discente se torna participante do ensino/aprender os resultados são bastante positivos, todavia é necessário que o docente invista tempo e dedicação para gerenciar e planejar suas aulas, tornando-as significativas para os alunos.

Os conteúdos da disciplina de Geografia voltados para o social, para as coisas concretas da vida, como foi debatido nos seminários os temas sobre “As condições de vida no continente africano” e “As doenças e a fome no continente africano”, por exemplo, permitem que o aluno visualize a realidade que faz parte do seu dia-a-dia, sendo considerado pelo mesmo em um significado mais amplo. Sobre essa questão CALLAI (2001) complementa:

As aulas de Geografia têm tudo a ver com isto, pois ao estudar situações concretas problemas que os vários povos enfrentam e a estruturação dos seus territórios que apresentam paisagens que expressam a realidade vivida, o aluno adquire os instrumentos para pensar o mundo de sua vida, da vida de todos os homens. Ao confrontar várias situações entre si e com as condições concretas do seu próprio mundo próximo, ele vai construindo um conhecimento próprio... (ibidem, p. 143)

É evidente a necessidade de fazer-se com que os alunos sejam atuantes em sala de aula. Quando se permite que eles construam seu conhecimento através da vivência com o conteúdo

que está sendo trabalhado, mostrando areal aplicabilidade do que se está sendo proposto em sala, sem dúvida, o interesse e a motivação pelo aprender serão despertados no estudante. Foi isso que se quis objetivar como trabalho realizado com os seminários, que cada aluno inserido no seu grupo pudesse vivenciar, a partir da pesquisa do tema proposto, a realidade de um mundo tão distante dele, mas, ao mesmo tempo, tão próximo da sua própria vida, com aspectos que o mesmo pode vivenciar no seu cotidiano na sociedade onde está inserido. O grande desafio de cada professor é tornar as coisas mais concretas e mais reais para os seus alunos.

Com os dias sem atividades escolares por causa do processo eleitoral 2014, muitas aulas foram “desperdiçadas”, o que impossibilitou uma efetiva aplicação do que havia sido planejado para uma maior dinamização das aulas de Geografia na referida turma. Seriam levados para a sala de aula alguns recursos como o Datashow, que possibilita a exposição de imagens, textos e vídeos referentes ao assunto debatido, fazendo com que haja um enriquecimento da aprendizagem do estudante. Infelizmente, o tempo foi pouco para um efetivo desenvolvimento do projeto de intervenção. As aulas na turma do 8º ano “A” ocorrem na segunda-feira (4ª aula), quinta-feira (5ª aula) e sexta-feira (5ª e 6ª aulas). Geralmente, na quinta-feira e na sexta-feira durante os dias que houve eventos na escola, como a Gincana, o Sete de Setembro, os Jogos Internos, além das semanas de prova as aulas eram “liberadas” a partir da terceira aula, o que impossibilitava os encontros semanais com a turma.

Como última proposta para uma maior aproximação do conteúdo que estava sendo trabalhado durante todo o 3º e 4º Bimestres, foi proposto pela escola uma “Mostra Pedagógica” sobre a temática “Construindo a cidadania através do resgate de valores”, com isso, viu-se uma grande possibilidade de se desenvolver um projeto para a mostra pedagógica levando em consideração o conteúdo sobre a África (Figura 2). A princípio, pensou-se em fazer-se um projeto bem dinâmico envolvendo toda a turma para que os alunos pudessem, através da pesquisa, confecção e elaboração dos temas, se interessarem pelo estudo e apreensão do conteúdo. O tema trabalhado na mostra pedagógica foi o seguinte: “A influência africana na cultura brasileira”. Propondo-se com essa temática trabalhar as várias áreas que sofreram, direta ou indiretamente, influências da cultura africana. As áreas priorizadas para serem expostas e trabalhadas no projeto foram: a culinária, dança, língua, música e religião. Para tanto, foi feita uma pesquisa de imagens referentes a cada área, em seguida foi entregue um resumo para que os alunos apreendessem o tema e passassem para o público presente no dia da mostra.

Figura 2: Turma do 8º ano “A” na Mostra Pedagógica 2014.



Fonte: ARRUDA, Jailda dos Santos. Foto tirada no dia 22/10/14.

Buscando-se uma maior dinamização do projeto, cada tema ficou com duplas de alunos. Cada dupla ficou responsável por falar da influência sofrida por cada área escolhida e mostrar, através das imagens, os traços que foram influenciados em nossa cultura. Como se sabe, um dos traços mais marcantes da influência africana no Brasil foi a Capoeira, que hoje é considerada um esporte e componente das escolas, sendo trabalhada em forma de oficinas nas mesmas. Visto manifestar essa importante marca deixada pelos africanos foi lançada a proposta de se fazer uma “roda” de Capoeira no final da mostra pedagógica como parte do projeto “A influência africana na cultura brasileira”, sendo uma forma bem marcante de deixar fixado na mente dos alunos e do público presente essa aproximação do nosso país com a África.

O que se quis propor com esse projeto foi ir além do tradicional, fugir um pouco da sala de aula e mostrar ao aluno que o mesmo pode aprender além das paredes de uma sala de aula, que o efetivo aprendizado se faz na vivência das coisas concretas do seu cotidiano, das marcas que são deixadas por cada experiência vivida. Pois, como bem afirma Helena CopettiCallai:

A aula de Geografia deve ir além de passar informações, de apresentar dados e mapas, de descrever lugares estranhos. Deve deslocar sua preocupação maior em “dar o conteúdo”, para como organiza-lo de modo mais consistente para ser capaz de ter um significado para além do saber. Para chegar a aprender, a buscar aprender, através destes conteúdos. Mas, com certeza ir além deles (CALLAI, 2001, p. 144).

A partir do desenvolvimento desse projeto, ficou evidente a facilidade pela qual os alunos, que participaram do mesmo, tiveram de assimilar o conteúdo sobre a África. Sendo assim, aproximar o que está abstrato/distante para a realidade vivenciada pelo aluno (a influência africana em nossa cultura) tornou o ensino-aprendizagem bem mais significativo, tanto para os alunos como para o professor. Tornar o discente um sujeito atuante no ensino-aprendizagem deve ser a marca do professor comprometido com um ensino de qualidade, principalmente os que fazem a Geografia.

Para se compreender o real desinteresse dos discentes em relação às aulas de Geografia faz-se imprescindível discutir as percepções dos alunos em relação à disciplina de Geografia, para tanto foi necessário valemo-nos das narrativas, conversas informais, e de um questionário relativo ao Ensino de Geografia. Os dados a seguir são oriundos das repostas dadas pelos alunos ao questionário (Apêndice 2), elaborado pelo autor para tentar chegar-se a uma possível resposta acerca da inquietante questão que tem permeado todo o estudo até aqui apresentado: qual a real causa da desmotivação dos alunos em relação à disciplina de Geografia? Os dados resultaram nas discussões abaixo:

- ✓ A maior parte dos alunos, cerca de 80%, diz gostar de Geografia, alguns não gostam por achar que a disciplina “*dá nos nervos e dá muito tédio*” é “*difícil de entender*” e “*por que acho as aulas um pouco chatas*”. A partir de tais respostas, pôde-se perceber os reflexos que os alunos que dizem não gostar da disciplina de Geografia trazem ao longo de sua experiência escolar de uma Geografia maçante e despolitizada, que nada tem a acrescentar em suas vidas;
- ✓ Todos acham a disciplina importante, as respostas do “Por que” foram as mais diversas como: “*Sem Geografia não saberíamos nos localizar e não saberíamos diferenciar os lugares e as paisagens*”, “*Nós vivemos no mundo da Geografia*”, “*Podemos aprender a nos guiar com os mapas*”. Com as respostas, pode-se evidenciar que a maior parte dos alunos vê a Geografia apenas pelo seu lado descritivo/informativo, sem consciência de seu papel social;
- ✓ Foi sugerido que os alunos apontassem o que eles queriam que mudasse nas aulas de Geografia e a maioria disse: “*Que fosse utilizado mapas, atividades mais interessantes e com melhores explicações*”, “*Que as aulas fossem legais e que aprendêssemos mais de Geografia*”, “*Tudo*”, “*Que deixassem de falar muito e agisse mais*”. Com essas falas

observa-se mais uma vez o desinteresse e a falta de estímulo por parte dos alunos em relação à disciplina de Geografia levando-nos a uma reflexão acerca de nossa prática docente: estamos ou não desenvolvendo um ensino-aprendizagem significativo para os nossos alunos?

✓ Foi questionado como os alunos avaliam o livro didático de Geografia do 8º ano e a maioria disse que acha o livro regular, o que de certa forma evidencia a falta de compreensão que eles têm dos conteúdos apresentados no livro;

✓ Foi perguntado se na opinião deles o professor atual conseguiu aproximar os conteúdos do livro didático para próximo da realidade vivida por eles e as respostas foram: *“Sim, por que ele tenta trazer o que acontece na África pra dentro da sala de aula”*, *“Sim, pois ele trazia os países distantes próximos de nós como a África e outros”*, *“Parcialmente, pois tem algumas coisas que a gente não escreveu e nem estudou ainda”*, *“Sim, por que ele nos explica o conteúdo muito bem e legal, com esse tema da África ficou melhor ainda por que nos vimos a realidade”*, com isso verifica-se a necessidade de trazer novos recursos, além do livro didático, para a sala de aula e trazer o conteúdo ministrado para a realidade dos alunos;

✓ Foi perguntado se os alunos compreendiam os conteúdos do livro didático do 8º ano e a maioria disse que sim, fato que não é comprovado se levar-se em conta as notas deles na disciplina, que evidenciam o desinteresse e a incompreensão de fato dos conteúdos;

✓ Perguntou-se se eles acharam mais fáceis a compreensão dos conteúdos das séries anteriores (6º e 7º anos) do que da atual série e a maioria disse que os anteriores eram mais fáceis de entender e os conteúdos eram melhores.

Com base no que foi acima exposto, evidencia-se que os alunos têm uma ideia que o livro didático de Geografia, com seu formalismo excessivo, serve apenas para a memorização. Como diz Kaercher (1999, p. 136), *“Basta ler um livro didático de Geografia para percebermos que o seu formalismo excessivo leva à construção de uma ideia que permanece em nós: a da Geografia como um ensino árido, classificatório e distante de nossa realidade”*, cabe-nos refletir e buscar formas que mude essa percepção que os alunos e a própria sociedade têm da Geografia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de Geografia, cada vez mais, deve ser pauta dos relatórios e produções acadêmicas daqueles que fazem licenciatura nessa área, visto que é discutindo-se sobre a temática que se chegará a um propósito comum a todos: a melhoria na qualidade do Ensino dessa disciplina.

O professor é entendido como ligação entre o aluno e o conhecimento e como instigador do desenvolvimento das atitudes críticas e sociais que o aluno deve agregar na esperança da formação de um cidadão atuante na sociedade. São claras as dificuldades existentes no que concerne a prática do Ensino de Geografia e da estrutura encontrada nas escolas, como a carência de recursos e a desmotivação por parte do aluno e, muitas vezes, do próprio professor. Este, porém, deve conhecer e assumir seu papel de agente transformador, mesmo em meio a uma sociedade e um Governo que, por diversas vezes, não lhe possibilita agir dessa forma; em meio a alunos cada vez mais alienados e descontentes com a escola, não dando a devida importância que a mesma possui.

Um dos papéis do geógrafo, seja em que contexto for, deve ser visar uma reflexão constante sobre tudo ao seu redor. O olhar do geógrafo é ilimitado e é essa atenção, essa percepção que deve ser percebida e levada pelos alunos, para que os mesmos também enfrentem aquilo que está posto aos seus olhares e busquem uma verdade mais profunda, mais crítica e mais humana sobre o que acontece com o mundo e o universo. Afinal, o ser humano evolui, cada vez mais, em conhecer as fronteiras do conhecimento.

O professor como mediador deve ouvir os alunos, sistematizar as suas falas, criar e estimular os debates e as dúvidas, textualizar as dúvidas e conclusões elaboradas procurando sempre surpreendê-los. Provocar surpresas que estimulem a paixão pelo aprender, paixão em discutir com os demais e pensar em novas maneiras de organização o espaço e da sociedade, que visem com mais justiça e pluralidade (CASTROGIOVANNI 2000, p. 101). Parece-nos um pouco “utópico”, mas é possível, basta o professor querer ser o agente transformador a dar o primeiro passo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.D. e PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação** – 15. ed., 4ª Reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.
- ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução á análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.
- BRABANT, J. Crise da geografia, crise da escola. IN: OLIVEIRA, A. U. (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9 ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- BRAGA, M. C. B. O ensino de geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental: uma análise dos descompassos entre a formação docente e as orientações das políticas públicas. – **Revista Terra Livre** – Presidente Prudente, ano 23, v. 1, nº 28, p. 129-148, Jan-Jun/2007.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História e Geografia. Brasília: Secretaria da Educação, 1997.
- CALLAI, H. C. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre** - Paradigmas da Geografia – Parte 1. Nº 16, p. 133-151. – São Paulo: 1º de Setembro de 2001.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2ª ed. – Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CARVALHO, M. I. S. S. **Fim de século: a escola e a geografia**. 2 ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.
- CASTRO, I. E. O problema da escala. IN: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C. e CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2001.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2 ed. – Porto Alegre: Mediação, 2000.
- KAERCHER, N. A. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio** – 2ª ed. – Porto Alegre: Penso, 2011.
- LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 4ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1997.
- MORAES, A. C. R. Renovação da geografia e filosofia da educação. IN: OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** – 9. ed., – São Paulo: Contexto, 2010.
- OLIVEIRA, A. U. (org.). Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. IN: _____. **Para onde vai o ensino de geografia?** – 9. ed. – São Paulo: contexto, 2010.
- PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, R. J. **Ensino de Geografia e novas linguagens** – Ministério da Educação, Secretária de Educação básica – Brasília, 2010.
- SPOSITO, E. S. O livro didático de geografia: necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o Ensino Fundamental. IN: SPOSITO, M. E. B. (org.).

Livros didáticos de Geografia e História: avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** 2 ed. – São Paulo: Annabeume, 2008.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. IN: CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula.** 8ed. – São Paulo Contexto, 2006.

_____, J. W. O ensino de geografia no século XXI. **Caderno Prudentino de Geografia** – Presidente Prudente, ano 17, AGB, Jul-1995.

Apêndice

Apêndice 1: Levantamento de dados da Escola objeto de estudo



Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Turma 2010.2

Orientador (a): **Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo**

Orientando: **João Manoel Bezerra**

Escola campo de pesquisa:

() **Escola Municipal Nila Ferreira da Silva**

Levantamento de dados para Monografia

Data da fundação da escola: _____

Número de alunos por turno: **Manhã** _____ **Tarde** _____ **Noite** _____

Atual direção:

Diretor (a): _____

Vice-diretor (a): _____

Professores de Geografia e séries que ensinam:

Nome: _____ **Séries:** _____

Nome: _____ **Séries:** _____

Nome: _____ **Séries:** _____

Nome: _____ **Séries:** _____

Formação dos professores de Geografia e ano de formação:

Formação: _____ **Ano:** _____

Formação: _____ **Ano:** _____

Formação: _____ **Ano:** _____

Formação: _____ **Ano:** _____

Professores que lecionaram no 9º ano em 2013:

Quantidade de turmas do 9º Ano em 2013: _____

Número de alunos de cada turma do 1º Ano 2014:

Turma: _____ **Quantidade:** _____

Turma: _____ **Quantidade:** _____

Turma: _____ **Quantidade:** _____

Marque com (X) os recursos que a escola dispõe:

Datashow () **Mapas diversos** () **Globo terrestre** () **TV** () **DVD** () **Computador**
() **Impressora** () **Laboratório de informática** () **Sala de Vídeo** () **Acesso a internet para alunos e professores** () **Livro didático para alunos e professores** ()
Caixa amplificadora () **Microfone** () **Som / Microsistem**

Apêndice 2: Questionário para levantamento de dados sobre o Ensino de Geografia



Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Turma 2010.2

Orientador (a): **Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo**

Orientando: **João Manoel Bezerra**

Escola campo de pesquisa: **Escola Municipal Nila Ferreira da Silva**

Turma: _____

Questionário para levantamento de dados sobre o Ensino de Geografia em Fagundes – PB

Responda as questões abaixo de acordo com o seu conhecimento:

- ✓ Você gosta da disciplina de Geografia?

Sim () Não ()
Por quê?

- ✓ Você acha a disciplina de Geografia importante?

Sim () Não ()
Por quê?

- ✓ Como você avalia o livro didático de Geografia do 8º ano?

Ótimo () Bom () Regular () Ruim ()

- ✓ Você teve dificuldade de compreender os conteúdos do livro didático do 8º ano referentes aos continentes, África e América?

Sim () Não ()
Por quê?

- ✓ Como o professor de Geografia ministrava as aulas dos conteúdos citados acima?

() Apenas com o auxílio do quadro e livro didático
() Com o apoio de outros recursos.
Quais recursos?

- ✓ O professor de Geografia, ao dar aula sobre os continentes, procurava criar estratégias para aproximar o conteúdo da realidade dos alunos, do seu lugar de vivência? Descreva.

- ✓ Qual sua opinião sobre a metodologia dos professores de Geografia que já teve?

Ótimo () Bom () Regular () Ruim ()

- ✓ Como você avalia a professor (a) de Geografia atual?

Ótimo () Bom () Regular () Ruim ()

- ✓ Faça sugestões apontando o que você gostaria que mudasse nas aulas de Geografia.

- ✓ O que você achou da forma como o atual professor de Geografia usou o Livro Didático nas aulas ministradas com o livro do 8º ano?

Ótimo () Bom () Regular () Ruim ()

- ✓ Você acha o Livro Didático de Geografia importante?

Sim () Não ()

Porquê?

- ✓ Em sua opinião o professor atual conseguiu aproximar os conteúdos do Livro Didático para próximo da realidade vivida por você?

Sim () Parcialmente () Não ()

Porquê?

- ✓ Você compreende os conteúdos do Livro Didático do 8º Ano?

Sim () Não ()

Porquê?

- ✓ Em sua opinião foi mais fácil à compreensão dos conteúdos do Livro Didático do 6º e 7º Anos, do que o do 8º Ano?

Sim () Não ()

Porquê?
